

O valor semântico de *então* – para um contraste português/inglês

Paula Moutinho

Nesta comunicação pretende-se abordar o valor semântico de *então* numa perspectiva comparativa entre o Português e o Inglês. Após uma abordagem das definições e categorizações de *then* e *então* em Dicionários e Gramáticas das respectivas línguas, faz-se um levantamento dos valores semânticos de *então* a partir da análise de enunciados originais e respectivas traduções do português para o inglês e vice-versa. Pretende-se simultaneamente aplicar o estudo semântico dos valores de *então* à tradução e utilizar a tradução como veículo determinante desses mesmos valores.

Todos os dicionários da língua portuguesa que consultei foram unânimes na classificação gramatical atribuída a *então*, considerando-o como advérbio e interjeição. De acordo com a descrição destes dicionários, na sua função de interjeição, *então* funciona como um elemento animador ou é usado para exprimir espanto, dúvida, indignação e estados de espírito similares. À ideia de animação está, naturalmente, associada a ideia de marcador de início ou de retoma de discurso, um estatuto de “marcador de estruturação discursiva” que *então* pode assumir e cujo valor situacional e comunicacional Lopes (1996) contempla e Matos (1999) explora num “corpus” oral, seguindo uma abordagem semântico-pragmática.

Como advérbio, o valor temporal é a primeira referência apresentada. Na maioria dos casos, este valor predomina, verificando-se apenas uma tímida referência ao valor causal/conclusivo com a associação a “nesse caso”. Constitui excepção a mais recente publicação da Verbo, o *Dicionário de Português Contemporâneo*, onde se restringe o valor temporal ao Passado e ao Futuro, excluindo explicitamente o Presente da rede temporal associada a *então*, e onde se dá conta da participação de *então* nas construções condicionais «Usa-se para introduzir a segunda parte de uma frase começada por “se”» e em frases de tipo interrogativo «Usa-se no final ou no início de uma interrogativa em que se solicita determinada opinião ou explicação». Não há, no entanto, qualquer referência ao papel de *então* nessas construções. Além disso, faz-se referência a funções de confirmação e de conclusão deste item «Usa-se para confirmar aquilo que ficou combinado. *Está bem então. Então ficamos assim. Usa-se para introduzir uma conclusão. ≡ PORTANTO. Esses então são os seus únicos argumentos?*».

Nos dicionários de língua inglesa, *then* aparece classificado como advérbio e adjectivo. Os valores adverbiais de *then*, de um modo geral, correspondem aos valores de *então*, embora nem sempre se verifique uma equivalência directa em termos de situações e posição. Verifica-se que *then* como adjectivo (*the then President, Director, etc.*) é traduzível directamente por *então*, mantendo inclusive a mesma posição. No

entanto, nos dicionários de língua portuguesa, utilizam-se exemplos similares para ilustrar o uso de *então* como advérbio de tempo¹. Nos dicionários ingleses há também referência à utilização de *then* como marcador de fim de uma sequência de enumeração.

Ao analisar o tratamento dado a *então* em algumas gramáticas da língua portuguesa, pretendi, fundamentalmente, verificar como é que ele é identificado e caracterizado, do ponto de vista semântico, no sistema de regras que rege a nossa língua. Seleccionei três gramáticas da língua portuguesa que actualmente constituem obras de referência e, para uma análise comparativa, consultei também a gramática de língua inglesa que me pareceu mais completa.

Na gramática de Cunha e Cintra (1984), *então* aparece classificado como Advérbio de Tempo, juntamente com *agora*, *ainda*, *amanhã*, *depois*, *sempre*, etc., não se verificando qualquer tipo de subcategorização capaz de dar conta da especificidade e dos valores próprios de cada uma das palavras incluídas nesta categoria. O critério que preside à denominação é o da «circunstância ou de outra ideia acessória que expressam». Faz-se, no entanto, uma observação à heterogeneidade da classe dos advérbios, em termos de distribuição e funções, e à tendência dos linguistas modernos para reexaminar o conceito de advérbio, limitando-o, seja do ponto de vista funcional, seja do ponto de vista semântico.

Para além desta classificação, *então* aparece também enquadrado nas Palavras Denotativas como «palavra denotativa de situação». O único fundamento apresentado para a criação desta “espécie de palavras” parece ser a percepção de que não devem ser incluídas entre os advérbios e, pela dificuldade de classificação que apresentam, considera-se conveniente dizer apenas «palavra ou locução denotadora de». Apesar de se considerar impróprio o enquadramento destas palavras entre os advérbios, a Nomenclatura Gramatical Portuguesa considera as «palavras denotativas de situação» como Advérbios de Oração. Não se indica nenhuma explicação satisfatória para as classificações ou denominações propostas.

Apesar da denominação imprecisa e da classificação pouco esclarecedora, a inclusão de *então* em duas categorias gramaticais distintas, assim como o reconhecimento da heterogeneidade da classe dos advérbios e a consequente dificuldade de classificação de determinados itens, entre os quais se inclui o *então*, revela a percepção de que não se trata de um termo com um valor uniforme.

Ao consultar a secção dedicada aos Aspectos Semânticos e Pragmáticos na Gramática do Português em Mateus et al. (1989), encontrei referência a *então* na categoria linguística Tempo. Segundo esta gramática, a categoria linguística Tempo, que exprime a ordenação do intervalo de tempo que contém o estado de coisas descrito por uma predicação relativamente ao intervalo em que ocorre a enunciação da mesma, está gramaticalizada nos tempos verbais e exprime-se igualmente através de expressões com o valor de adverbiais temporais e de conectores frásicos de valor temporal. *Então* é

¹ «Em determinado espaço de tempo no passado ou futuro, mas não no presente. ≡ DESDE ENTÃO, NESSE MOMENTO. ≠ ACTUAL. *Essa lei foi vetada pelo então Presidente da República. A então Ponte Salazar, agora Ponte 25 de Abril, foi um empreendimento muito arrojado.*» (Dicionário de Português Contemporâneo. 2000: 1438)

apresentado como designador do intervalo de tempo que contém o facto tomado como termo-origem da ordenação temporal a partir da qual se organizam as expressões adverbiais temporal, no modo de enunciação narrativo. Diz-se ainda que, no modo de enunciação narrativo, as expressões adverbiais temporais são referenciais mas não dêiticas. Relativamente à localização e ordenação temporal do discurso relatado, este é localizado temporalmente em relação ao *agora* da enunciação e a descrição do estado de coisas que ele reproduz é localizada relativamente ao *então* da sua enunciação.

Verifica-se que esta gramática não pretende descrever ou explicar o valor de *então*. Em vez disso, utiliza *então* para descrever e explicar a ordenação e as relações temporais que ocorrem em determinados enunciados. Embora com uma orientação diferente das outras gramáticas, é clara a supremacia do valor temporal de *então*, mas nem este nem outros valores são aqui explorados. Menos relevante, eu diria mesmo irrelevante, é a presença de *então* nas construções condicionais. Nos escassos exemplos em que é referido, é colocado entre parêntesis para assinalar a sua opcionalidade.

A gramática de Vilela (1999) parece reflectir o que a de Cunha e Cintra (1984) observava como sendo uma tendência dos linguistas modernos. Se a inserção do item *então* em duas categorias gramaticais distintas na gramática de Cunha e Cintra podia já ser considerada como reveladora de uma consciência do carácter não uniforme deste item, em Vilela (1999: 240-248, 264-269, 381) a heterogeneidade é mais do que evidente. Com efeito, *então* aparece referenciado na classe dos advérbios, sendo apresentado como um advérbio simples que resultou da forma composta *in tunc* (lat.) e classificado, do ponto de vista categorial, como pertencendo à categoria advérbio que fornece elementos às preposições e às conjunções. Logo nesta categorização se dá conta de um duplo valor: *então* [narrativo] – *então* [argumentativo]. Na subclassificação dos advérbios, como categoria gramatical, *então* aparece incluído nos advérbios de tempo, tal como *agora, ainda, logo, sempre, etc.* A percepção de que os critérios que presidem a esta subclassificação são insuficientes para dar conta da sua polivalência leva este autor a tentar “arrumar” os advérbios tendo em atenção os aspectos semânticos, a função e as características sintácticas. Neste enquadramento, insere *então* num «grupo de advérbios que podem servir de pró-palavras, pró-frases e mesmo pró-textos, de catafórica ou anaforicamente», que designa por “advérbios pronominais”. Faz ainda uma subdivisão dentro do grupo de advérbios pronominais, apontando *então* como um advérbio pronominal demonstrativo *aqui, lá, aí, então, outrora, etc.*, e como fazendo parte dos advérbios pronominais que coordenam as frases, também chamados advérbios conjuncionais *por isso, pois, então, daí, além do mais, etc.* De acordo com as relações semânticas ou semântico-sintácticas expressas pelas conjunções e pelos elementos adverbiais que funcionam como conjunções, distingue diversos valores, entre os quais relação sequencial de tempo: *então, até que, antes que, logo que, depois que, etc.*; e causa: *pois, então, daí, porque, etc.* Por outro lado, refere ainda que existem advérbios como *então, assim, ainda, logo, já*, que podem funcionar como advérbios dentro da subclasse tempo, mas podem transportar outros valores diferentes. Embora não explorando a multiplicidade de valores associados a estes termos, Vilela afirma que «a capacidade de combinação dos advérbios com outros elementos gramaticais permite-

-lhes exercer as funções semânticas mais díspares na frase» e termina a secção dedicada aos advérbios alertando para o facto de «Precisamente por a classe “advérbio” ser capaz de modificar elementos individuais, estados de coisas e textos, é que esta classe se torna tão difícil de enquadrar e de explicar de modo sistemático» (Vilela, 1999: 249).

A dificuldade de sistematização relativamente à classificação e ao valor de *então* vai ficando cada vez mais evidente à medida que avançamos na consulta desta gramática. Depois da classe dos advérbios, *então* é tido como pertencendo às partículas modais *acaso, afinal, cá, lá, mas, não, sempre, então, também*. Depois de apresentar alguns enunciados comparando os usos de *sempre, afinal, então*, o autor conclui que os advérbios-partículas modais (homónimos de advérbios) têm uma força ilocutória mais abrangente e transmitem uma modalização que tem o seu ponto de partida na subjectividade do produtor do enunciado. Logo de seguida, *então* aparece entre os marcadores de coerência/coesão discursiva com uma função de organização do texto no plano interdiscursivo *bom!, por uma parte, então, por certo, etc.* e no plano directamente nocional com incidência no valor causal *por conseguinte, assim, pois, daí que, de facto, pois, então, etc.* e na organização da informação textual *então, e depois, depois então, etc.* Ao abordar as relações de referência e co-referência, Vilela retoma a noção de conectores coesivos como elementos que ligam uma oração a outra oração ou a sequências de orações anteriores e inclui *então* nos conectores coesivos que indicam sequencialização, oposição, etc., e que indicam a relação causa-efeito.

Na secção dedicada à Coordenação, Vilela inclui ainda o *então* na tabela de relações semânticas entre as frases coordenadas como um advérbio alternativo, disjuntivo. Finalmente, *então* figura entre os exemplos de sinais conversacionais marcadores da estruturação do discurso conversacional, que marcam o ponto em que se encontra o discurso: o começo ou recomeço, a retoma, a transição e o fecho.

Na sua gramática, Vilela consegue reflectir a heterogeneidade do item *então* tanto ao nível categorial como valorativo, revelando-se infrutífera qualquer tentativa de o “arrumar” numa classe determinada, já que ele ocorre nas mais variadas construções, assumindo diferentes valores.

A heterogeneidade do item *então* verifica-se relativamente a *then* na gramática de Quirk et al. (1985). *Then* aparece tratado predominantemente nas secções 7 e 8, dedicadas, respectivamente, aos adjectivos e advérbios e à semântica e gramática dos adverbiais. Surge igualmente ligado à coordenação e à subordinação. À semelhança do que se verifica em Cunha e Cintra (1984) e Vilela (1999), também os autores desta gramática têm plena consciência da heterogeneidade dos advérbios: «Because of its great heterogeneity, the adverb class is the most nebulous and puzzling of the traditional word classes.» (Quirk et al., 1985: 438). Relativamente aos valores semânticos dos adverbiais em geral, os mesmos autores (Quirk et al., 1985:479) distinguem sete categorias principais de papéis semânticos com as respectivas subdivisões, abaixo transcritas:

SPACE	<i>position</i> <i>direction</i> <i>distance</i>
TIME	<i>position</i> <i>duration</i> <i>frequency</i> <i>relationship</i>
PROCESS	<i>manner</i> <i>means</i> <i>instrument</i> <i>agentive</i>
RESPECT	
CONTINGENCY	<i>cause</i> <i>reason</i> <i>purpose</i> <i>result</i> <i>condition</i> <i>concession</i>
MODALITY	<i>emphasis</i> <i>approximation</i> <i>restriction</i>
DEGREE	<i>amplification</i> <i>diminution</i> <i>measure</i>

Não obstante a apresentação de categorias separadas e com subdivisões, chama-se a atenção para a existência de afinidades e mesmo sobreposição de papéis semânticos.

Irei proceder de seguida à análise de vários pares de exemplos, compostos por frases originais e respectivas traduções, seleccionados a partir das bases de dados *Eurodicautom e Compara*.

Comparando os termos utilizados nos enunciados originais e as respectivas traduções, pretendo fazer um levantamento dos valores de *então/then*, verificar quais são as opções do tradutor relativamente a esses termos e determinar até que ponto a ocorrência de *então/then* é pertinente para a construção do significado.

Para dar conta do carácter obrigatório ou facultativo dos termos em análise, utilizarei, respectivamente, as noções de Explícito Obrigatório e Explícito Facultativo. Nesta conformidade, *então/then* são explícitos obrigatórios nos enunciados em que da sua remoção resulta uma agramaticalidade, uma mudança de significado ou uma ambiguidade. Pelo contrário, *então/then* são explícitos facultativos quando podem ser retirados dos enunciados sem que daí resulte qualquer uma das situações acima referidas.

Atentemos pois no primeiro exemplo:

(1-a) "I watched two playing tag in the chestnuts just outside my study window: spiralling up a trunk, dodging and feinting among the branches,

then, scampering along a bough and leaping to the next tree, then zooming down the side of its trunk headfirst, freezing halfway, claws sticking like Velcro to the corrugated bark, then streaking across the grass (...)."

(1-b) "Estive a observar da janela do meu escritório dois esquilos a brincarem à apanhada nos castanheiros: subiram o tronco em espiral, esquivando-se e fazendo negaças entre os ramos, e depois fugiram a correr por um galho e saltaram para outra árvore, cujo tronco desceram vertiginosamente, de cabeça para baixo, parando a meio do caminho, com as patas firmemente agarradas à cortiça enrugada como se fossem velcro; lançam-se a seguir numa correria desenfreada sobre a relva (...)."

Ao compararmos estes dois excertos, verificamos desde logo que, dos três itens em destaque no texto (1-a), apenas dois são explicitados claramente no texto (1-b); no texto (1-b), surgem expressões diferentes para o mesmo termo do texto (1-a); nenhuma das três ocorrências de *then* é traduzida por *então*.

Não obstante as opções do tradutor, as três ocorrências de *then* poderiam ter sido traduzidas por *então*. Verifica-se que, tal como *then*, também *então* pode ser utilizado para marcar a sequencialização², mas o efeito da repetição de *então* como marcador de sequencialização em português parece não ter a mesma naturalidade do que em inglês. Por outro lado, em português é possível mudar a posição de *então* colocando-o depois do verbo.

Em qualquer um dos casos, parece-me que a repetição de *então* não seria aceite com a mesma naturalidade do que acontece com *then* em inglês. Na verdade, qualquer um destes termos, tanto na versão inglesa como na versão portuguesa, pode ser retirado do texto sem que isso afecte a sua compreensão. A progressão é marcada pela sequencialização de predicções de tipo eventivo e pela ordem das orações, bem como pelo conhecimento extralinguístico e a presença de marcadores como *then* e *então* são uma forma de reforçar esses valores. Ao contrário do que sucede em inglês, em português a repetição sistemática de *então* com carácter facultativo parece gerar alguma estranheza.

Apesar da componente de subjectividade nas opções do tradutor, as expressões utilizadas para traduzir o primeiro e o terceiro *then* vão no sentido de eliminar essa sensação de estranheza, mantendo o efeito de sequencialização. O mesmo não acontece com a tradução do segundo *then*. Ao optar por uma oração encaixada, o tradutor baseia-se na predicção dos eventos para marcar a sequencialização assim como no conhecimento extralinguístico.

Da análise deste par, parece-me importante destacar o seguinte:

- *Then* parece ter um valor claramente sequencial, daí a opção do tradutor por expressões inequivocamente temporais (*e depois, a seguir*);

² Parece-me que se trata de um exemplo em que *então* assume o valor que Matos (1999) denomina de "valor narrativo".

- Os termos utilizados nestes enunciados para marcar a sequencialização são explícitos facultativos; embora a frase pudesse ser construída/traduzida sem a presença de *then/então* ou de um termo substituto, é um facto inegável a opção por utilizar estes “reforços”.

Passemos ao segundo par:

(2-a) “*From then onwards, I began to get the pain with increasing frequency, though there was nothing predictable about it.*”

(2-b) “*Desde esse dia comecei a sentir a dor cada vez com mais frequência, embora sem qualquer indício que me pudesse fazê-la prever.*”

Considerando o enunciado isoladamente, poderíamos afirmar que *then* adquire um valor dêitico, uma vez que a sua referência é exofórica e não endofórica. Dado que se trata de um excerto³, pressupõe-se a existência de um cotexto que fornece informações quanto a um possível antecedente para o qual *then* remete. Isso justifica por que é que o tradutor opta por *esse dia* em vez de *então* ou de um SN que tenha uma leitura eventiva (por ex. *Desde o jogo*).

A opção por *esse dia* coloca o enfoque numa informação temporal relacionando-a indirectamente com um evento. Se o tradutor tivesse utilizado *desde o jogo* ou *desde a operação*, o enfoque estaria no evento que, por sua vez, pressupõe uma informação temporal. Neste enunciado, *então* e *then* comportam-se de uma forma semelhante, não evidenciando o evento em detrimento do tempo ou vice-versa. Contrariamente ao que se verifica no par (1), *then/então* não são explícitos facultativos, mas sim obrigatórios.

Da análise deste par, vale a pena destacar os seguintes aspectos relevantes:

- *Then/então* parecem ser anafóricos, porque retomam um antecedente, e são explícitos obrigatórios, porque são argumentos seleccionados pela preposição *from/desde*;
- A natureza temporal ou eventiva de *then/então* é determinada pelo antecedente que é retomado.

À semelhança do que verificamos nos pares anteriores, vejamos mais um exemplo no qual a tradução escolhida também não recai sobre *então*:

(3-a) “*Maybe I would get a clue then to what’s the matter with me.*”

(3-b) “*Talvez assim conseguisse uma pista para descobrir o meu problema.*”

³ Não me foi possível ter acesso ao texto onde o antecedente estivesse explícito.

Neste caso, o termo escolhido foi o advérbio *assim*⁴. Esta escolha marca uma clara opção pela significação de “maneira como” em detrimento do valor temporal que seria o predominante se tivesse escolhido *então*. Ao optar pela tradução de *then* por *assim*, o tradutor coloca o enfoque no evento tomado na sua globalidade ou numa particularidade do evento (que pode ser de “maneira como” ou “tempo”).

Assim, “conseguir uma pista” situa-se no estado consequente de um evento retomado anaforicamente por *assim*, dado que é possível inferir uma relação de contingência⁵ entre um antecedente e “conseguir uma pista”. Para melhor identificar as relações que, potencialmente, é possível estabelecer entre um antecedente e a predicação “conseguir uma pista”, podemos introduzir um antecedente hipotético:

(3-b-1) (*Fui até ao local do crime.*) “Talvez *assim* conseguisse uma pista para descobrir o meu problema.”

(3-b-2) (*Fui até ao local do crime a pé.*) “Talvez *assim* conseguisse uma pista para descobrir o meu problema.”

(3-b-3) (*Fui até ao local do crime à noite.*) “Talvez *assim* conseguisse uma pista para descobrir o meu problema.”

Em (3-b-1), *assim* estabelece uma relação com um evento tomado na sua globalidade (“ir até ao local do crime”); em (3-b-2), estabelece uma relação com a particularidade “maneira como” (“a pé”); e em (3-b-3), estabelece uma relação com a particularidade tempo (“à noite”).

No que diz respeito ao carácter explícito obrigatório ou facultativo dos termos, é um facto que a frase não depende de *then/assim* para ser gramatical, mas parece-me que a eliminação destes termos podem resultar importantes variantes de sentido ou de conteúdo semântico, a não ser que, inserida no texto específico ao qual não temos acesso, a proposição consiga, por si só, estabelecer uma relação de contingência com o antecedente.

Relativamente às análises anteriores, há a destacar aqui o seguinte:

- *Then* pode ter uma leitura de “acção”, “maneira como” ou “tempo”;
- Ao traduzir *then* por *assim*, o tradutor privilegia a leitura de “maneira como” para o antecedente.

⁴ Para além de advérbio de modo (cf. *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Academia das Ciências de Lisboa, 2001: 387; *Torrinha*, 1937: 209 e *Vilela*, 1999: 242), *assim* também pode ser considerado como conjunção de finalidade (cf. *Vilela*, 1999: 254) e conjunção conclusiva (cf. *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Academia das Ciências de Lisboa, 2001: 387 e *Gomes*, 1921: 155).

⁵ Tal como é definida em *Moens e Steedman* (1988).

Analisemos um quarto exemplo:

(4-a) "There was another long journey through more corridors - *then* suddenly everything changed."

(4-b) "Seguiu-se outra longa viagem ao longo de mais corredores, *até que*, de repente, tudo mudou."

Estamos perante um enunciado em que *then* pode marcar uma fronteira final de *another long journey through more corridors*, ou pode marcar a inclusão nesse predicado de uma eventualidade identificada por *everything changed*.

Não obstante a escolha feita pelo tradutor, poder-se-ia manter *então* na frase em português ou até nem utilizar nenhum termo explícito:

Tipicamente, a *até que* está associado um valor temporal⁶, o que, de certa forma, traduz o valor temporal inequívoco que *then* assume neste enunciado. No entanto, parece-me que as duas leituras permitidas por *then* e *então* (posterioridade e inclusão) não encontram correspondência em *até que* (4-b) que localiza temporalmente a fronteira final. Enquanto *then* e *então* permitem inferir uma interrupção que marca a diferença entre "esta longa viagem" e "outra(s) anterior(es)", diferença essa que o uso do travessão ajuda a destacar, a utilização de *até que* põe termo a uma sucessão de longas viagens.

Desta análise, podemos concluir que:

- *Then* e *então* veiculam um valor temporal de posterioridade, marcando uma fronteira final para a situação descrita pelo predicado anterior, ou um valor temporal de inclusão na situação descrita por esse predicado; *até que* exhibe apenas o valor de fronteira final;
- O valor de término e de diferença em relação a um antecedente consegue ser suficientemente expresso através do travessão e *então/then* associam-se ao travessão nessa estratégia de ênfase; *then/então* são explícitos facultativos.

Consideremos agora o seguinte exemplo:

(5-a) "o acesso por galerias em flanco de encosta não é conveniente para grandes profundidades de exploração, sendo *então* mais apropriada a abertura de poços verticais"

⁶ Conjunção temporal (cf. Relvas, s/d:171; Gomes, 1921: 106; Torrinha, 1943: 213; Vasconcelos, 1902: 102); proposição adverbial de tempo que exprime anterioridade (cf. Gomes, 1918: 100); conjunção subordinativa temporal (cf. Cunha, 1994: 583; Vilela, 1999: 260); valor de relação sequencial de tempo (Vilela, 1999: 254); determinação adverbial que indica "posterioridade" com referência ao fim do espaço de tempo (Vilela, 1999: 372).

(5-b) "*deeper-lying seams cannot conveniently be worked from drifts, and have therefore to be worked from vertical shafts*"

Em (5-a), *então* parece exprimir um valor conclusivo que advém de uma inferência intrínseca às próprias proposições; o termo utilizado na tradução (*therefore*) reflecte directamente esse valor conclusivo. Por outro lado, o valor conclusivo parece resultar da relação que se estabelece entre um antecedente e um conseqüente, típica da construção condicional.

(5-a-1) "*se não é conveniente o acesso por galerias em flanco de encosta para grandes profundidades de exploração, então é mais apropriada a abertura de poços verticais*"

(5-b-1) "*if deeper-lying seams cannot conveniently be worked from drifts, then they have to be worked from vertical shafts*"

Estes valores condicional e conclusivo não são na verdade inerentes à ocorrência de *então/therefore*, mas resultam antes da relação que se estabelece entre as duas proposições, pelo que estes termos parecem ter um carácter de explícitos facultativos.

No entanto, se a remoção de *therefore* parece não deixar dúvidas quanto ao seu carácter de explícito facultativo, ao retirar *então* do enunciado mantêm-se, de facto, os valores conclusivo e condicional, mas perde-se uma terceira leitura ainda não identificada – a leitura disjuntiva exclusiva.

(5-a-2) "*o acesso por galerias em flanco de encosta não é conveniente para grandes profundidades de exploração, sendo mais apropriada a abertura de poços verticais*" (entre outras opções)

(5-a) "*o acesso por galerias em flanco de encosta não é conveniente para grandes profundidades de exploração, sendo então mais apropriada a abertura de poços verticais*" (única alternativa possível face à inadequação do acesso por galerias em flanco)

A utilização de *therefore* no inglês não permite a leitura disjuntiva e uma eventual opção por *then* não acrescentaria qualquer valor ao enunciado. Na verdade, não me parece haver na língua inglesa nenhum marcador capaz de exprimir os três valores que *então* comporta.

Eis, portanto, alguns aspectos que me parece importante sintetizar:

- Os valores condicional e conclusivo parecem ser comuns aos enunciados de ambas as línguas e dispensam qualquer marcador;

- É possível atribuir um terceiro valor a *então* – disjuntivo exclusivo – para além dos dois valores possíveis de *therefore/then* – condicional e conclusivo.

Finalmente, analisemos estes dois pares de exemplos:

(6-a) “na prática pode-se utilizar o método de quebra após tratamento completo- por exemplo homogeneização, eventualmente normalização, têmpera, revenido-da peça pronta a ser utilizada, *ou então* determinar as propriedades mecânicas”

(6-b) “in practice the method may be used by breaking the piece in the ready-for-use condition after complete treatment - for example homogenizing, possibly normalizing, quenching and tempering - *or* by measuring its mechanical properties”

(7-a) “a tracção faz-se por guinchos, se se usam cabos, *ou então* por locomotivas eléctricas, de “trolley” ou de baterias”

(7-b) “in rope haulage systems the traction is by winching, *otherwise* by electric locomotives, trolley or battery locomotives”

Com estes exemplos, pretendo verificar como são tratados os casos com *ou então* em termos de tradução. A ocorrência de *então* em estruturas de alternância não parece encontrar a mesma correspondência em *then*. Nestes, como em muitos outros exemplos que encontrei, a alternância em inglês é marcada pela conjunção disjuntiva *or*.

No exemplo (6-a), *então* está a reforçar o valor da conjunção disjuntiva *ou*, tendo, por isso, um carácter explícito facultativo. A opção do tradutor para *ou então* ficou reduzida a *or*. Neste caso, a ocorrência de *then* resultaria numa agramaticalidade o que parece indicar que *then* não tem valor de reforço disjuntivo. Recorde-se que, já no exemplo (5), não foi possível, nem com *therefore* nem com *then*, manter o valor disjuntivo-exclusivo veiculado por *então*.

No exemplo (7-a), o valor de *ou então* é bastante diferente, como evidencia o termo escolhido pelo tradutor (*otherwise*). Neste enunciado, *ou então* está integrado numa construção condicional dupla e da sua remoção resultaria uma única construção em que o conseqüente apresentaria uma alternativa.

O valor de *então* em (7-a) pode ser esquematizado da seguinte forma: *se p então q* e *se ~p então r*, isto é, se se usam cabos, a tracção faz-se por guinchos; se não se usam cabos, a tracção faz-se por locomotivas eléctricas, de “trolley” ou de baterias.

Ao retirarmos *então* de (7-a), obtemos uma construção condicional que pode ser representada por *se p então q v r*, isto é, a tracção faz-se por guinchos, se se usam cabos, ou por locomotivas eléctricas, de “trolley” ou de baterias.

Constata-se assim que *ou então* permite inferir a existência de um antecedente que é a negação do antecedente explícito (“se não se usam cabos”). Se retirarmos *então*, obteremos um conseqüente com uma disjuntiva inclusiva.

O termo utilizado na versão inglesa (7-b) comprova o carácter de explícito obrigatório e de condicional negativa, já que *otherwise*⁷ é o termo tipicamente utilizado em inglês para significar *if not*. A sua substituição por *or* resultaria numa versão equivalente a *if p then q v r*. A inserção de *then* como reforço de *or* gera uma frase agramatical.

Note-se que a conjunção *ou* ocorre duas vezes no mesmo enunciado com valores diferentes e o tradutor foi sensível a essa cambiante de sentido, traduzindo *ou* por *or* e *ou então* por *otherwise*.

A partir da análise destes dois pares, verifica-se que:

- *Ou então* pode ser utilizado para exprimir alternância e, neste caso, *então* é explícito facultativo, actuando como reforço da conjunção disjuntiva *ou*;
- *Ou então* permite inferir a existência de um antecedente que é a negação do antecedente explícito⁸ e neste caso (i) o valor de *ou então* é o oposto do antecedente explícito da condicional anterior; (ii) *então* é explícito obrigatório;
- *Or* é usado apenas para exprimir a disjunção e não admite *then* como seu reforço;
- Para exprimir a ideia de condição, o inglês recorre a uma expressão adverbial marcadora de condicional negativa (*otherwise*), em detrimento de *then* que, com este valor, não é aceitável.

De acordo com as análises efectuadas, e no sentido de sistematizar as conclusões daí resultantes, apresento um quadro no qual agrupo os diferentes valores encontrados para os termos *then/então* de acordo com o carácter de explícito obrigatório ou facultativo apresentado por esses termos nos exemplos analisados.

⁷ «[sentence adverb] a word meaning “If not”, often used when there will be a bad result if something does not happen» in *Dictionary of Contemporary English*, Longman, 2000: 1002; «used to state what the result would be if sth did not happen or if the situation were different» in *Advanced Learner's Dictionary*, Oxford, 2000: 897.

⁸ Tendo por base o mesmo raciocínio subjacente à análise de *ou então* neste exemplo, refira-se igualmente que *ou então* pode ser utilizado como reformulação de uma asserção, no sentido pragmático do termo. Por exemplo, uma frase como *A Maria chega hoje ou perdeu o avião* não é aceitável, mas é possível dizer *A Maria chega hoje, ou então perdeu o avião*. Neste segundo caso, *ou então* salvaguarda a hipótese de “a Maria não chegar hoje”.

Ocorrências como explícitos facultativos	<i>Then</i>	<i>Então</i>
Sequencialização	X	X
Condicionalidade	X	X
Disjunção	∅	X
Ocorrências como explícitos obrigatórios	<i>Then</i>	<i>Então</i>
Anáfora	X	X
Causalidade	X	X
Disjunção de exclusão	∅	X
Dedutivo-conclusivo	X	X
Condicionalidade	X	X
Sequencialização	X	X

X - Ocorre com o valor em questão

∅ - Não ocorre com o valor em questão

Como corolário, parece pertinente uma divisão explícito obrigatório/explicito facultativo dos termos analisados, *then/então*. Contudo, esta classificação dicotómica não parece ser suficiente para explicar por que é que os valores de condicionalidade e de sequencialização podem ocorrer nos dois grupos. No caso da condicionalidade, em que *then/então* são explícitos obrigatórios, isso parece dever-se ao facto de remeterem para referentes não cotextuais. No caso em que *then/então* são explícitos obrigatórios e têm um valor de sequencialização, a sua ocorrência só é necessária para resolver uma possível ambiguidade de carácter temporal.

Dos valores encontrados, o que não é partilhado entre *then/então*, é o valor de disjunção, exclusivo do termo português. Todos os restantes valores são comuns. Apesar disso, e curiosamente, *then* e *então* não são utilizados como termos correspondentes. Essa não correspondência pode dever-se ao facto de o tradutor, perante a iminência de ambiguidade, preferir optar por termos que tenham uma leitura unívoca.

Em alternativa ao critério de temporalidade e não temporalidade, optei por agrupar os diferentes valores de *então* com base no carácter de explícito obrigatório ou facultativo que este termo pode assumir no enunciado. Este critério parece-me estar mais em consonância com a perspectiva de análise integrada dos diferentes valores de *então*, dado que permite que o valor temporal surja a par de outros valores num determinado grupo.

Referências bibliográficas

- Advanced Learner's Dictionary* (2000), 6ª Edição, Oxford University Press, Oxford.
- AFONSO, A. B. (1996) Da especificidade de alguns enunciados interrogativos (valores particulares com a ocorrência de *então*). In *Actas do XII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Volume 1, Braga-Guimarães, pp. 25-37.
- CUNHA, C. e L. CINTRA (1984) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Edições João Sá da Costa, Lisboa.
- DÍEZ, B. R. (1989) Aproximación funcional al adverbio. In *Actas do XIX Congresso Internacional de Lingüística e Filoloxía Románicas*, Sección I, Lingüística Teórica e Lingüística Sincrónica, Universidade de Santiago de Compostela, pp.
- Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001). Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo.
- Dicionário da Língua Portuguesa* (1999) 8ª Edição revista e actualizada. Porto: Porto Editora.
- Dicionário Universal da Língua Portuguesa* (1999) 6ª Edição. Lisboa: Texto Editora.
- Dictionary of Contemporary English* (2000) 3ª Edição, Londres: Longman.
- FIGGE, U. L. (1989) Causalité et langage. In *Actas do XIX Congresso Internacional de Lingüística e Filoloxía Románicas*, Sección I, Lingüística Teórica e Lingüística Sincrónica, Universidade de Santiago de Compostela, pp. 39-56.
- GLASBEY, S. R. (1993) Distinguishing between events and times: some evidence from the semantics of *then*. In *Natural Language Semantics*, Volume 1, Nº. 3, Kluwer Academic Publishers, Dordrecht, pp. 285-312.
- IATRIDOU, S. (1994) On the Contribution of Conditional *Then* In *Natural Language Semantics*, Volume 2, Nº 3. Kluwer Academic Publishers, Dordrecht, pp. 171-199.
- LOPES, A. C. M. (1996) *Então*: elementos para uma análise semântica e pragmática. In *Actas do XII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Volume 1, Braga-Guimarães, pp. 177-190.
- LOPES, O. (1989) Construções Concessivas. Algumas reflexões formais lógico-pragmáticas. In *Actas do XIX Congresso Internacional de Lingüística e Filoloxía Románicas*, Sección I, Lingüística Teórica e Lingüística Sincrónica, Universidade de Santiago de Compostela, pp. 895-904.
- MATEUS et al. (1989) *Gramática da Língua Portuguesa*, 2ª edição revista e aumentada, Editorial Caminho, Lisboa.
- MATOS, S. (1999) *Adverbiais de Tempo em Português Contemporâneo: Forma e Significação*, Dissertação de Doutoramento, FLUP, Porto.
- MATOS, S. (2000) Algumas Considerações Sobre Adverbiais de Localização e Quantificação Temporal. In *Línguas e Literaturas. Revista da Faculdade de Letras do Porto*, II Série, Vol. XVII, pp. 175-201.
- QUIRK et al. (1985) *A Comprehensive Grammar of the English Language*, Longman, Londres.
- RAPOSO, E. P. (1992) *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*, 2ª edição, Editorial Caminho, Lisboa.
- VILELA, M. (1999) *Gramática da Língua Portuguesa*, Livraria Almedina, Coimbra.